

## A princesa que não ria

Jerusa Pires Ferreira  
PUC/SP

“O riso se semantiza como  
um novo esplendor do sol, como o  
nascimento solar”<sup>1</sup>

Festa de Laranjeiras, ciclo de Reis. No centro da cidade encontro o poeta e folheteiro João Firmino de Paula, e perguntado sobre a vida e a recente morte de seu pai adotivo, o poeta sergipano Manoel de Almeida Filho, um dos mais perfeitos poetas populares de todos os tempos de nossa literatura popular, ele nos responde: - Morreu, deixando um folheto que tinha acabado de escrever. - Que folheto? Indago. - A Princesa que não ria. Perdi o fôlego. Há mistérios que não se explicam.

Venho há anos pensando no desafio desta organização mito-poética que, espalhada pelo mundo em tantas possibilidades, é ela mesmo uma resposta universal a dar conta de ancestralidades que se fazem concretas e presentes. Constrói-se em seu conjunto um trançado de relações interpessoais, trançado que recupera razões cosmológicas e vitais ligadas à natureza, seus ritos e ritmos, suas condições e formas de expressar.

Há uma rede de histórias<sup>2</sup> em que a proposta central é fazer a princesa rir, a princesa de cara triste que é oferecida a um homem que a faça rir. O “herói” que, a princípio, parece impróprio para tal façanha, realiza-a, através de situações absurdas: com a ajuda de animais agradecidos; de objetos mágicos; de uma flauta ou pífano mágico. O desafio maior é o de buscar os aparelhos que revertam tal situação.

Começamos pelo que não. Ao trazer A Princesa que não ria, contamos com a alteração de um estado que foi transtornado por alguma espécie de desastre: que não ria reforça a noção do ter deixado de rir, estar privado de uma característica

que é condição do humano, em situação de expansão e extravasamento de energias, de consagração do corpo à vida. Sempre se relacionando ao pranto, por contigüidade, e muitas vezes resvalando sobre limites tênues, passagem contínua de um estado a outro (muito freqüente, por exemplo nos casos de enamoramento). O riso, grau mais aberto do sorriso, composto de outros componentes, inquieto em sua complexidade é a afirmação da existência em plenitude, pode envolver dimensões religiosas e cósmicas, encarnar a sexualidade em seus cometimentos. Portanto, e também, deverá apontar para a transgressão e subversão dos comportamentos sujeitos a controle.

Prevê-se pois uma contra-ação à de não rir. Sujeito alguém à cólera ou à repressão contínua, e no caso da princesa a sua condição de segregada e sujeita à autoridade paterna. O não rir se constitui nos limites da interdição e da recusa, entre o bloqueio e a capacidade de rompê-lo, oferecendo-se as possibilidades da sufocação ou do respiradouro. Do ponto de vista social, o riso é estratificado, hierarquizado, recebe estímulos ou sanções que o confinam ou gradatizam e, em dimensão cosmológica, se liga aos ritos e à celebração, à alegria orgiástica e incontida que pode explodir em gargalhada, à renovação do universo e da natureza. Enfim o riso, que em sua diversidade é muito mais complexo do que possa parecer, refugia-se nas classes populares, como queria Bahktin, apesar de situações que, mesmo aí, o fazem retroceder, como também nas situações de transgressão dos muitos grupos sociais, apesar de limitações constantes dos mais diversos aparelhos de censura, ideológica, religiosa, interpessoal etc.

Daí a importância a ser dada ao que não, no caso do riso da princesa, servindo para o caso os comentários de Freud.<sup>3</sup> Ele nos diz que a afirmação - como substituto da união - pertence a Eros e a negativa, como sucessor de expulsão, pertence ao instinto da destruição. A negativa para ele teria dotado o pensar de uma primeira medida de liberdade das

conseqüências da repressão, e com isso de compulsão do princípio do prazer. A vida, portanto, nesse caso está no riso que irrompe, ordem do mundo será o riso da princesa, correspondendo ao estado de morte o deixar de rir. São numerosos os "mitos" de devorados e rejeitados pelo devorador, como é o caso de Jonas e a Baleia, permitindo-nos avançar na hipótese<sup>4</sup> que, enquanto a permanência da morte era acompanhada da proibição de rir, o retorno à vida se fazia sempre acompanhar do riso.

Há significâncias rituais e religiosas apenas aos atos de rir ou à suspensão do riso, confirmam-se condições de propiciação ou de interdição ou proibição. Na Rússia antiga, não se poderia rir na casa da Baba Yaga, e, no conto de encantamento, proíbe-se o riso no percurso ao mundo da morte e quando de seu retorno: "*é proibido rir no reino da morte, pois rindo o indivíduo se revela vivo*".<sup>5</sup> Contam-se ainda nesses casos com as proibições de falar, comer, olhar. Na medida em que são envolvidas forças vitais assentadas na corporeidade, seria o riso atribuído ao diabo, às forças demoníacas e, em certo sentido, entrópicas - pertencentes ao plano da desordem. Não consta que Jesus risse. Feliciano Gonzaga, uma mulher do sertão baiano, se dirigia à filha, mandando-a guardar os dentes e fechar a boca "que parece sonfonha de cego (sic-sonfonha: forma arcaica para sanfona), referência metonímica a um teclado sempre em movimento e, simbolicamente, ao pouco preço de um oferecimento, atitude que se configura num provérbio como "muito riso é sinal de pouco siso".

Encontramos, em Caio Plínio Segundo,<sup>6</sup> que Crassus, o avô de Crassus nunca ria e, conseqüentemente foi chamado de Agelastus, pois Ghelos era o Deus do riso entre os romanos e Risus, venerado como um Deus, e que Sócrates sempre usou o mesmo olhar de contenção, não se mostrando nunca alegre ou perturbado. Esta colocação parece nos indicar que a filosofia e o pensar são sisudos, do mesmo modo que, em várias teorizações, remete-se o universo popular para o contrário disso, para o

domínio da comunicação emotiva, enquanto para o “civilizado” o controle social da emoção se torna o modelo.

Os poderes totalitários tentam, em seus princípios, expulsar o riso, sobretudo o descomedido e inoportuno, pois traz a troça e a subversão.

Daí ter tido tanta força, em imagem recente pela televisão, o comentário chistoso do presidente Boris Yeltsin sobre a imprensa norte-americana, e os frouxos de riso do presidente americano Bill Clinton. A situação é reveladora do absurdo de situações atuais e prévias, parodiando a “guerra fria” anterior, em seus registros solenes, e apontando para o *non-sense* e para esta nova cena, em que os mercados e a mídia realizam tantas guerras cotidianas.

Em seu conjunto de ensaios, o etnólogo Vladimir Propp<sup>7</sup> insiste na riqueza do tema - A Princesa que não ria: Nesmejana, princesa que contém o desastre em seu próprio nome. Seu pai promete-a como esposa a quem a fizer rir. Confirmam-se aí as três possibilidades: o protagonista atua com ajudantes mágicos ou traz animais encobertos. Diante da janela da princesa, o ato de revolver um pedaço de lama ou outra porcaria provoca o riso. Possui uma tabiquinha, oca de ouro à qual todos vão ficando presos. Este espetáculo também faz rir. Possui um pífano mágico e ao som deste faz dançar diante das janelas da princesa três porquinhos (note-se sempre a relação com porco, porcaria etc.). Há um elenco de situações que compõem a grande malha de histórias da Princesa que não ria ou que não fala (chegando a esta pelo riso) e um elenco de estratégias possíveis para fazê-la rir. Aurelio Espinosa<sup>8</sup> nos apresenta, no caso da tradição hispânica, a presença deste conto especial e nos oferece versões em que o peido grande e forte é a mola da reversão: “*Sos tu la que no ris? Y tiró un pedo muy grande y mui fuerte y después tiró otros seguidos. Y le dió a la princesa tanta risa que ya no podia hablar*”. Fala-nos o autor na importância do “crepitus ventris” como provocação do riso. Constata-se um forte componente escatológico e mesmo

coprológico, em muitas dessas histórias, espécie de marcação permanente. Em versões baianas a princesa se diz “com o cu pegando fogo”, ou suspira, ai que fogo! ai que fogo! Nesse universo aparecem esterco, pauzinhos revirando excrementos, vômitos e até vermes.

Sabemos que entre a malha da história como um grande texto virtual e a realização concreta de cada performance interferem muitas possibilidades expressivas, e segmentos vários se agregam, componentes de um repertório pessoal e da dicção que reconstrói uma memória em situação. Algo assim como ocorre com o estranho e misterioso repertório dos palhaços e sua atuação performática e inauguradora do riso. Há de fato, situações de contar sujeitas a vários códigos, inclusive aos da improvisação, àquilo que a situação, em presença, propicia e que a circunstância faculta. Lembra-nos Bogatyrev<sup>9</sup> que os rituais são uma encruzilhada de dinamismos, em que as muitas possibilidades se vão realizando. Estamos também atentos para a existência de uma espécie de reserva universal do riso”, composta de ritos, crenças, fábulas e jogos, que a ele se ligam. O que não se descarta é a força erótica e vivificadora.

Segundo a mitologia grega, Psiquê teria nascido de um riso de alegria. Durante o nascimento, ri-se a deusa do parto, a mãe ou a gestante, a jovem que renasce simbolicamente e ainda ri a divindade que cria o mundo. Os antigos iacutos veneravam a deusa dos nascimentos Ieksit. Esta deusa visita as mulheres que estão para dar à luz e as ajuda, no momento do parto, rindo alto. Assim é que o riso era obrigatório nas cerimônias de iniciação, quando sobrevinha a maturidade sexual, acompanhando o novo nascimento simbólico do iniciado. Isto nos leva a compreender a presença de elementos de parto e nascimento, em versões recolhidas hoje na Bahia. Ri a princesa por ver “*João preguiçoso*”, o herói, montado num feixe de lenha; ele se dirige a ela dizendo: - “*Fica aí, putinha descarada, tomara que amanhã tu amanheça parida.*”

Durante algum tempo foi atribuída ao riso a capacidade de não apenas elevar as “forças vitais”, mas a de despertá-las.

Atribui-se a ele a capacidade de suscitar a vida, tanto no que se refere aos seres humanos como à natureza vegetal.

Ligada ao mito grego de Demeter e Persephone aprisionada por Hades, de fato a princesa Nesmejana ou aquela que não ria se prende a segmentos de situações do riso ritual posto em prática e se relaciona à magia do riso. Demeter é a deusa da fertilidade (sem esposo!) e Hades, rei do Inferno, rapta Persephone, sua filha, como se expressa na maravilhosa cantata de Stravinsky. A deusa sai em busca da filha, e não conseguindo encontrá-la, fecha-se em sua própria dor, e pára de rir. Devido à dor, a deusa da fecundidade interrompe-se na terra o crescimento das ervas e dos cereais. Mas, em tempo propício, a serva Jamba faz um gesto obsceno e com isso a deusa ri. Com este riso, a natureza volta a viver sobre a terra e retorna a primavera. Sabemos, portanto, que temos de levar em conta o substrato agrário, que persiste na propiciação ou na interdição do riso e que perpassa a organização dos princípios imaginários.<sup>10</sup> Na integração dos opostos, aparentemente mais incompatíveis, está a faculdade de suscitar a vida vegetal. Note-se, porém, a transposição de características humanas e da estrutura social para a natureza. A terra é pensada aí como um organismo feminino, basta ver o desnudamento das espigas de milho e a denominação de “boneca” para a espiga ainda fechada, e com longos cabelos. Ligadas sim ao mito de Demeter e também a ritos agrários, cuja ancestralidade recua aos começos do mundo e da cultura, as histórias da Princesa que não ri continuam a nos chegar. Não esqueçamos que riso é também transmissão e fertilização, e aí não estranharemos que os “contra-sinais” revertam a desordem, desalojando o que não e conduzindo a integração do cosmos à sua plenitude, o social à sua correção, a princesa a seu destino mais pleno.

## N O T A S

- <sup>1</sup> Olga Freidenberg, citada por Vladimir Propp.
- <sup>2</sup> Cf. *Motiv Index of Folk Tale*, de Aarne & Thompson. Indiana, Indiana University Press, 6 V. Tipos n.º. 571-574, 621.
- <sup>3</sup> Cf. *Obra Completa de Freud, Ensaio sobre a negação*, 1925 e também o famoso ensaio sobre o chiste.
- <sup>4</sup> Cf. *Les fêtes agraires russes* de Vladimir Propp. Paris, Maisonneuve & Larose, 1987. Cf. ainda *Comicidade e riso*. São Paulo, Ática, 1992.
- <sup>5</sup> Cf. também de Vladimir Propp “Il riso rituale nel folclore, a proposito della fiaba di Nesmejana”. *Edipo alla Luce del folclore*. Torino, Einaudi, 1975.
- <sup>6</sup> Plínio [Caio Plínio Segundo](29-79), in *Natural History*, Cambridge, Harvard University Press, 1989, vol.II.
- <sup>7</sup> Cf. os vários ensaios citados em que o etnólogo persegue o tema da Princesa que não ria.
- <sup>8</sup> Cf. *Cuentos Populares Españoles*, de Aurelio Espinosa. Madrid, CSIC, 1946.
- <sup>9</sup> Bogatyrev. *Actes, rites et croyances dans la Russie subcarpathique*. Paris, Champion, 1929.
- <sup>10</sup> Cf. *Armadilhas da Memória*, de Jerusa Pires Ferreira. Salvador, Casa de Jorge Amado, 1992.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AARNE & THOMPSON. Motiv index of folk tale. Indiana: Indiana University Press, s/d, 6 vol. p. 571-574, 621.

BOGATYREV. Actes, rites et croyances dans da russie subcarphatique. Paris: Champion, 1929.

ESPINOSA, Aurelio. Cuentos populares españoles. Madrid: CSIC, 1946.

FERREIRA, Jerusa Pires. Armadiha da memória. Salvador: Casa de Jorge Amado, 1992.

PLÍNIO. [Caio Plínio Segundo] (29-79), in: Natural History. Cambridg: Harvard University Press, 1989, vol.II.

PROPP, Vladimir. Comicidade e riso. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. "Il riso rituale nel folclore, a proposito della fiaba di Nesmejana", in: Edipo alla luce del folclore. Torino: Einaudi, 1975.

\_\_\_\_\_. Les fêtes agraires russes. Paris: Maisonneuve & Larose, 1987.